

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Brevemente neste cinema: Sarah Maldoror

30 de Abril de 2021

FOGO, L'ÎLE DE FEU / 1979

Realização: Sarah Maldoror / **Música:** Ensemble José Pereira Cardozo / **Comentário:** François Maspéro / **Directores de fotografia:** Sana Na N'Hada, Pierre Bouchacourt / **Câmara:** Henri Roux / **Montagem:** Salvatore Burgo / **Fotografias:** Suzanne Lipinska / **Misturas:** Vermeulen / **Laboratório:** Telcipro / **Produção/Apoio Financeiro:** Ministério da Coordenação e das Finanças (Cabo Verde, 1979) / **Cópia:** em ficheiro digital (suporte original em película), cor, falada em francês, português e crioulo, legendada electronicamente em português / **Duração:** 34 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

CAP-VERT: UN CARNAVAL DANS LE SAHEL / 1979

Realização: Sarah Maldoror / **Imagem:** Pierre Bouchacourt / **Som:** René Bichet / **Montagem:** Salvatore Burgo / **Comentário:** Arnaldo França (inexistente nesta cópia) / **Produção/Apoio Financeiro:** Ministério da Economia e Finanças (Cabo Verde, Mindelo, 1979) / **Cópia:** em ficheiro digital (suporte original em película), cor, falada em português e crioulo, sem legendas / **Duração:** 30 minutos / **Títulos alternativos:** Carnaval de S. Vicente / Primeira exibição na Cinemateca. Estreia em Portugal.

A BISSAU, LE CARNAVAL / 1980

Realização: Sarah Maldoror / **Imagem:** Jean-Michel Humeau, Sana Na N'Hada, Florentino Gomes / **Som:** Thierry Sabatier, Josefina Lopes Crato / **Montagem:** Sylvie Blanc, Catherine Adda, Stéphanie Moore / **Produção:** Instituto Nacional do Cinema da República da Guiné-Bissau (Guiné-Bissau) / **Cópia:** em ficheiro digital (suporte original em película), cor, falada em francês, legendada electronicamente em português / **Duração:** 18 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de SARAH MALDOROR

Duração total da projecção: 82 minutos / Sessão com apresentação

Este é o prelúdio de uma retrospectiva praticamente integral da obra multifacetada de Sarah Maldoror (1939-2020), que permanece até hoje em grande parte invisível, organizada pela Cinemateca em colaboração com o IndieLisboa e prevista para o início de Setembro. Nesse sentido o corpus cinematográfico que conseguimos agora reunir com a colaboração de Annouchka de Andrade, filha da cineasta, que virá a Lisboa para acompanhar o programa, faz deste um Ciclo que permitirá reavaliar e prosseguir o estudo da obra de Maldoror na sua enorme diversidade de géneros e formatos, uma obra que tanta importância assume no contexto português pela sua ligação com o nosso passado colonial.

Reivindicando a herança surrealista, Maldoror, que nasceu em 1939 em França como Sarah Ducados e adoptou o pseudónimo Maldoror em homenagem a Lautréamont (o autor de *Os Cantos de Maldoror*), desenvolveu desde o final dos anos sessenta (o primeiro filme é de 1969) uma obra cinematográfica que teve um papel determinante nas lutas contra o colonialismo e na afirmação da *Negritude*, movimento político, social que promoveu uma cultura negra associada ao anticolonialismo e ao pan-africanismo, em que o surrealismo tem um papel essencial. Muito próxima de Aimé Césaire, poeta que forjou o termo *Negritude*, a voz, a escrita e a presença de Césaire atravessam toda a obra de Maldoror, que realizou vários

filmes sobre e a partir de Césaire, dando ainda eco às obras de outros poetas (e políticos) como Léopold Senghor ou Léon G. Damas, que fazem parte da galeria dos muitos artistas que retratou. Como diz Léopold Sédar Senghor num desses documentários (**Léon G. Damas**, 1994): “Césaire criou a palavra ‘Negritude’. Damas viveu a realidade da ‘Negritude’. E nós os três fomos os primeiros a escrever poemas sobre a ‘Negritude’ em França.”

Sarah Maldoror começou por se dedicar à literatura e ao teatro, cofundando em 1956, com Toto Bissainthe, Ababacar Samb e Timité Bassori, a companhia de teatro *Les Griots*, a primeira em Paris composta unicamente por actores negros. É na mesma altura que se aproxima da *Présence Africaine*, dirigida por Alioune Diop, que reúne à sua volta Césaire, Senghor, mas também Mário Pinto de Andrade, poeta angolano, fundador e primeiro presidente do MPLA, que virá a ser o companheiro de Maldoror. Como revelará numa entrevista a Raquel Schefer (“Sarah Maldoror: o cinema da noite grávida de punhais”, in *Angola o Nascimento de uma Nação*, vol III, ed. Maria do Carmo Piçarra/Jorge António) partirá mais tarde para estudar cinema no VGIK, em Moscovo em 1961, incentivada por Chris Marker. De Moscovo Sarah rumou para a Argélia, palco dos movimentos anti-colonialistas onde estava Mário Pinto de Andrade e onde se reuniam na altura personalidades de todas as nacionalidades empenhadas nos movimentos revolucionários, entre os quais Amílcar Cabral. Foi assim na Argélia que Maldoror começou a trabalhar em cinema, experimentando a assistência de realização em alguns dos títulos fundamentais de um cinema anti-colonial, como **A Batalha de Argel** (1965), de Gillo Pontecorvo, **Festival Panafrican d’Alger** (1969), de William Klein (1969), e o mais rara curta-documental do realizador argelino Ahmed Lalle, **Elles** (1966) – filmes que pela relação com a sua formação e o universo de Maldoror mostraremos na retrospectiva, que incluirá ainda, neste “capítulo” das colaborações, um capítulo de **L’Héritage de da Chouette** (1989), de Chris Marker, em que Maldoror colaborou. É nessa sequência que Sarah Maldoror realiza as suas primeiras e mais conhecidas ficções, **Monangambée** (1969) e **Sambizanga** (1972), dois filmes que adaptam obras do escritor angolano José Luandino Vieira e que retratam os inícios das lutas pela libertação em Angola e denunciam abertamente a violência do sistema colonial português. Entre eles filmou **Des fusils pour Banta** (1970, 90’), que versava sobre a guerrilha na Guiné-Bissau. Patrocinado e confiscado pelo governo argelino, Maldoror nunca mais viu o filme, que continua desaparecido até hoje.

Já depois das respetivas independências, Maldoror filmará em Cabo Verde e na Guiné-Bissau os vários filmes que compõem a sessão que agora realizamos, estava-se em 1979 e 1980 e em ambos os países davam-se os primeiros passos para a consolidação das respectivas nações. Pertencendo ainda à fase mais explicitamente militante da obra de Maldoror, nestes três documentários, Sarah Maldoror explora o significado de uma identidade africana, a sua história e cultura através das festas e manifestações populares, sendo os dois primeiros patrocinados pelo governo de Cabo Verde, e o terceiro produzido Instituto Nacional do Cinema da República da Guiné-Bissau.

Fogo, L’Île de Feu revela um olhar etnográfico já presente nas primeiras ficções de Maldoror no modo de abordar a realidade e a cultura cabo-verdiana. Em **Fogo**, as cores garridas das vestes e das mulheres contrastam com a aridez desta paisagem seca e vulcânica, tão inclemente para os seus habitantes nos grandes períodos de seca, “camponeses obstinados que lutam contra a terra”, como refere o comentário *off*, que não deixa de aludir à responsabilidade portuguesa e ao “campo de trabalho forçado que os portugueses deixaram mais nu do que cinco séculos atrás”. Entre as alusões aos homens que partiram, ficando as mulheres, os velhos e as crianças, encontramos pela primeira vez aqui os rostos magníficos

que nos olham por entre o bulício do mercado ou as brincadeiras na rua, que reencontraremos depois em **Sans Soleil** (1983) de Chris Marker (filme em que Maldoror colaborou, que envolve imagens de Cabo Verde e do Carnaval da Guiné-Bissau) ou, muitos anos mais tarde, em **Casa de Lava** (1994), de Pedro Costa. O ritmo de **Fogo, L'Île de Feu** é o de um “tempo africano” em que se reúne no mesmo plano a dimensão cultural e política de um país em construção: as crianças na escola, o desfile do 1º de Maio de 1979 em São Filipe, a homenagem a Amílcar Cabral. Sublinhe-se o modo como Maldoror acentua o prolongamento da história do combate entre mouros e cristãos numa festa com caravelas, cavaleiros e tambores. Visão nada maniqueísta de uma História complexa e cheia de nuances em que os homens prosseguem resistindo face à inclemência da natureza, como revela o significativo plano final de um minúsculo homem face à imensidão da paisagem.

Se o som do vento domina de modo impressionante **Fogo, L'Île de Feu**, já **Un Carnaval dans de Sahel**, filmado na Ilha de S. Vicente (o título inscrito nesta cópia é “Carnaval de S. Vicente”), inicia-se sob o signo do mar, para nos reenviar de seguida para os preparativos dos festejos do Carnaval do Mindelo e a sua posterior concretização no desfile final, uma tradição importantíssima. Trata-se de um filme extremamente contemplativo, que acompanha em pormenor os gestos de tal empreitada e a construção das figuras que presidirão ao curso carnavalesco, que Maldoror filma pacientemente. O facto de **Un Carnaval dans de Sahel** não possuir o comentário anunciado no genérico, sublinha esta vertente observacional, permitindo que sobressaia a força das imagens. Como no primeiro filme, não falta um discurso político, que, contudo, é engolido pela energia destas imagens e sons atentos a pormenores que anunciam metonimicamente outras realidades: uma menina vestida com um traje da nazaré, uma tatuagem de uma bandeira americana num braço.

Do Carnaval do Mindelo transitamos para o da Guiné-Bissau, num programa em que encontramos Cabo Verde e Guiné-Bissau unidos por partido um partido comum, mas também pelo Carnaval. Em **À Bissau, Le Carnaval**, Maldoror revela como a argila das margens do rio e outros materiais precários permitem a recriação de um imaginário cultural e político muito rico que roça frequentemente a caricatura. É este um dos aspectos mais curiosos da feitura das máscaras em que os retratos das revistas servem de modelo aos artistas, ao mesmo tempo que se recuperam esqueletos de animais mortos, que se transformam em assustadoras criaturas. E, como afirma Luís Cabral (então Presidente do Conselho de Estado) em **À Bissau, Le Carnaval**, “foi a capacidade de resistência cultural do nosso povo que nos deu a força necessária para conduzir a resistência política e militar”, “traduzindo o carnaval o espírito do nosso povo”. O papel essencial da cultura na formação do homem africano é assim revelado pela força e beleza destas máscaras e pela omnipresente música que as acompanha, como o será na posterior obra de Sarah Maldoror. Uma obra de vocação transnacional que mantém um inegável fundo político associado à defesa de uma cultura negra.

Joana Ascensão

Lista de títulos a exhibir na retrospectiva Sarah Maldoror (provisória*)

1. FILMES REALIZADOR POR SARAH MALDOROR

Eia pour Césaire, França, Martinica, 2009, 58’

Ana Mercedes Hoyos, Colômbia, 2008, 13’

Les oiseaux mains, França, 2005, 30s

Scala Milan A.C., França, Itália, 2003, 17’

La Tribu du bois de l'É, Reunião, 1997, 12’

Regards de mémoire / La route de l'esclave, Haiti, Martinica, 1995, 23’

Léon G. Damas, Guiana Francesa, 1994, 25'
Vlady, México, 1989, 24'
Aimé Césaire, Le masque des mots, Martinica, Estados Unidos, 1987, 47'
Le passager du Tassili, França, Argélia, 1986, 88'
Assia Djebar, França, 1987, 7'
Saint-Denis par Doisneau, França, 1987, 7'
Première Rencontre Internationale des Femmes Noires (R.I.FE.N.), França, 1986, 2'
"Point Virgule", França, 1986, 4'
La littérature tunisienne à la Bibliothèque Nationale, França, 1986, 3'
Robert Lapoujade, peintre, França, 1986, 5'
Écrivain public, França, 1985, 3'
Portrait d'une femme africaine, França, 1985, 6'
Christiane Diop, França, França, 1985, 6'
Toto Bissainthe chante Haïti, França, 1984, 4'
Claudel à Reims, França, 1984, 5'
Un masque à Paris, Louis Aragon, França, 1983, 20'
L'Hopital de Leningrad, França, 1982, 59'
Emanuel Ungaro, França, 1982, 4'
René Depestre, poète haïtien, França, 1981, 5'
"Wielopole", une nouvelle mise en scène, França, 1980, 3'
Carlisky, sculpteur, França, 1980, 5'
Ouverture du Théâtre noir à Paris, França, 1980, 5'
Wilfredo Lam, peintre et sculpteur, 1980, 5'
Un dessert pour Constance, França, 1980, 61'
A Bissau, le carnaval, Guiné-Bissau, 1980, 18'
Cap-Vert, Un carnaval dans le Sahel, Cabo Verde, 1979, 28'
Fogo, L'Île de feu, Cabo Verde, 1979, 34'
Miró, França, 1979, 5'
L'architecture d'inspiration étrangère à Paris, França, 1979, 5'
Le Cimetière du Père Lachaise, França, 1978, 7'
Abbaye Royale de St. Denis, França, 1977, 7'
Aimé Césaire, Un homme une terre, Martinica, 1976, 57'
Et les chiens se taisaient, França, 1974, 13'
Sambizanga, Congo, 1972, 80'
Monangambée, Argélia, 1969, 15'

2. FILMES EM QUE SARAH MALDOROR COLABOROU:

L'Héritage de la chouette, Épisode 7: Logomachie ou les mots de la tribu, Chris Marker, França, 1989, 26' (série de 13 episódios) (colaboração de Sarah Maldoror)
Festival panafricain d'Alger, William Klein, Argélia, França, Alemanha de Leste, 1969, 112' (assistência de realização)
Elles, Ahmed Lalle, Argélia, 1966, 22' (assistência de realização)
La battaglia di Algeri/ A Batalha de Argel, Gillo Pontecorvo, Argélia, Itália, 1965, 121' (assistência de realização)

3. OUTROS FILMES DE REALIZADORES/ARTISTAS RELACIONADOS COM A OBRA DE SARAH MALDOROR:

Préface à des fusils pour Banta, Mathieu Kleyebe Abonnenc, Guiana Francesa, 2011, 28' (adaptação de diaporama)
Sarah Maldoror ou la nostalgie de l'utopie, França, Anne-Laure Folly, 1998, 26'

***e outros títulos a anunciar em breve**

* Esta lista será ainda sujeita a alterações, sendo que aos títulos mencionados poderão acrescentar-se outros filmes realizados por Sarah Maldoror de que se desconhece o paradeiro e que até à data de hoje não foram localizados, assim como outros filmes relacionados com a sua obra.